

DÍVIDA EXTERNA

País teme os reflexos da recessão

BRASÍLIA — O embaixador extraordinário da dívida externa, Jório Dauster, entrou ontem na quarta rodada de entendimentos com os credores em Nova York, levando uma visão extremamente pessimista do governo em relação às expectativas de médio prazo para a economia mundial. Segundo o documento trimestral "Brasil Programa Econômico", editado pelo Banco Central e entregue aos bancos credores, a recessão já registrada nos países industrializados deverá afetar as economias de países em desenvolvimento, como o Brasil. Também é esperado o aumento das taxas de juros internacionais, o que pode comprometer ainda mais a capacidade de pagamento dos compromissos externos por parte dos países devedores.

A dívida externa total do Brasil teve um aumento de 3,7% entre dezembro de 1989 e junho. Passou de US\$ 116,9 bilhões para US\$ 119,3 bilhões, segundo dados divulgados ontem pelo BC. A chamada dívida não registrada (de curto prazo, ou seja, compromisso com menos de 180 dias) alcançou no período o total de US\$ 21,6 bilhões, com crescimento de 36,6% basicamente em consequência dos atrasados. Só a desvalorização do dólar dos Estados Unidos em relação a outras moedas fortes, como franco suíço, marco alemão ou o iene, japônês, significou um aumento de US\$ 107 milhões no saldo da dívida externa brasileira.

Na apresentação do documento, o presidente do BC, Ibrahim Eris, salienta que a atual conjuntura econômica "caracteriza-se pela confirmação das expectativas quanto ao sucesso do plano econômico, que, embora não estejam, ainda, inteiramente corroboradas pelos índices de preços, são bastante visíveis nos mercados de risco e futuros". Eris deixa claro que a resistência de queda nas taxas mensais de inflação está ligada à indexação informal ainda existente no setor empresarial, o que torna a política monetária "instrumento fundamental ao sucesso do plano".

O documento ressalta, ao analisar o setor externo, que os países industrializados estão experimentando uma fase de desaceleração econômica, o que deverá se refletir nas economias dos países em desenvolvimento, como o Brasil. Sem citar o país, o documento do Banco Central frisa que "o significativo aumento dos preços do petróleo, originado da situação de conflito no Oriente Médio, deverá ter reflexos bastante negativos para os países que dependem da importação do produto, enquanto a manutenção de embargos comerciais trará dificuldades aos países com razoável fluxo de exportações para o Iraque e o Kwait".